



GT06 - Educação Popular – Trabalho 353

EDUCAÇÃO POPULAR EM CUBA: TRAJETÓRIA E DESAFIOS

Maria do Carmo Luiz Caldas Leite - UNISANTOS

Resumo

O presente trabalho buscou investigar as experiências em fazer partícipes as massas populares dos bens da educação, dentro do projeto societário cubano, como parte dos dilemas e das tensões presentes nas diversas etapas da Revolução. A escola obrigatória, universal e gratuita em Cuba não pode ser entendida sem vínculos com a trama histórica do povo, que cunhou um imaginário de vertentes relativas às lutas de liberação, desde a época colonial. A partir da apreciação do ideário autóctone, enraizado no século XIX, o recorte prioriza a análise da formação emergente de professores ao longo do processo educativo cubano. Em termos conclusivos, na percepção desta pesquisa, refletir sobre a educação na Ilha é ressaltar a atuação do professor como agente político, em estreita relação com o desenvolvimento ideológico da nacionalidade e a escola como centro de cultura popular, formadora de sentimentos e de princípios morais. O percurso metodológico fundamentou-se em uma abordagem qualitativa do tipo etnográfico, no sentido proposto por André (2004), caracterizada por um esquema aberto, que permitiu o transitar entre a observação e a análise.

Palavras-chave: educação cubana, formação emergente, trabalho voluntário.

INTRODUÇÃO

A raiz deste estudo, que busca compreender o caráter popular da educação cubana, nasceu com as significativas palavras de Martí¹, “nenhum povo é dono do seu destino se antes não é dono de sua cultura”, presentes no documento final do II Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular (Recife), realizado em 1963 (GÓES, 2002, p.26). No início dos anos 60, em função da procura de soluções no campo educativo, havia uma grande expectativa em relação ao novo. Os movimentos populares foram marcados por dois importantes acontecimentos: a Revolução Cubana e o Concílio Vaticano II. Entretanto, para entender a singularidade do processo é necessário ter em conta as condições econômicas e sociais de Cuba na primeira metade do século XX, que determinaram a evolução das ideias socialistas e seu entrelaçamento

¹ José Martí (1853 -1895) revolucionário e herói nacional, conhecido como o Apóstolo de Cuba.

com a tradição do século XIX. A necessidade de construir um referencial autóctone, fez da Educação e da Revolução Cubana, iniciada em 1953, processos mutuamente inclusivos, numa intrincada dialética, capaz de contemplar duas concepções: uma vinda do alto, devido ao caráter das alianças firmadas nos primeiros meses após o triunfo do movimento guerrilheiro, e outra, a faceta vanguardista da pressão vinda de baixo, pela apropriação popular do processo revolucionário. Como caráter prioritário de defesa, recorreu-se à formação educativa, na busca de uma nova sociedade, porque as transformações pedagógicas, em suas complexidades, representavam a desagregação do contexto herdado da república mediatizada pelos Estados Unidos.

O percurso metodológico, - uma abordagem do tipo etnográfico -, envolveu um extenso trabalho de campo, onde o pesquisador aproximou-se de pessoas, situações e eventos, em contatos recorrentes e prolongados. Os fundamentos deste estudo foram extraídos da frequência às reuniões de associações de massa em Cuba, aos Institutos Superiores Pedagógicos, aos congressos realizados na Ilha e às escolas de diversas províncias, ao longo das três últimas décadas, decisivas para adentrar às situações vivenciadas no âmbito da educação cubana. Das falas dos professores, pais e alunos surgiram os sentimentos próprios do povo, propenso a entrelaçar sua trajetória pessoal com a trama histórica do país, a qual oscila entre o passado de lutas, o presente marcado por dificuldades e os interrogantes do futuro.

A EDUCAÇÃO COMO PEDRA ANGULAR

Ao vir à Terra todo homem tem o direito à educação, e, depois, em pagamento, o dever de contribuir para a educação dos demais”
(MARTÍ, 2011).

Precursor da tradição pedagógica na Ilha, o sacerdote José Caballero, figura da Ilustração Reformista, em 1794, apresentou um projeto para a criação de escolas públicas, caracterizadas por métodos não escolásticos, para negros e brancos, incapazes economicamente. Nas “escolinhas de amigos e amigas”, as primeiras de base social popular em Cuba, os professores não tinham preparo adequado e nem licença para ensinar, ocupando uma posição marginal na sociedade. Nelas se praticava, de maneira incipiente, a integração racial e as manifestações iniciais da coeducação entre meninos e meninas (BUENAVILLA RECIO, 2014).

Segundo Rodríguez Rivera (2005), a *cubanía*, de raiz afro-espanhola e de vocação latino-americana, é a materialização da nacionalidade, do caráter insular alicerçado desde as origens do país, que vem norteando as atitudes da população cubana em todas as épocas, até os dias atuais.

Em 1896, com a publicação de “*El cubano libre*” editou-se a primeira cartilha voltada ao desenvolvimento de uma consciência participativa do povo na vida político-social do país, em meio ao iminente colapso do colonialismo, onde todas classes sociais, de forma ativa ou passiva, se envolveram (CANFUX GUTIÉRREZ, 2006, p.1).

No final do século XIX, o exército *mambí*² foi dissolvido e o povo foi arrastado à miséria, pois a luta contra a dominação não culminou com a vitória. Juntamente com a Emenda Plat³, começou a produzir-se a recuperação do ideário de Martí, mantido na palavra dos professores, os herdeiros do frustrado sonho independentista. O triunfo da Revolução Socialista, em 1917, repercutiu em toda a América Latina e em Cuba. A partir dessa data, entre as demandas dos operários, surgiram novas vinculações das teorias revolucionárias às lutas no continente americano.

Entre as décadas dos anos 20 e 40, em uma estrutura semifeudal, observou-se a acelerada penetração do capital estrangeiro, a cartelização do açúcar e o acirramento do conflito entre duas tendências pedagógicas contrapostas: a progressista, que representava os interesses populares, e reacionária, das classes dominantes. Contudo, os professores cubanos forjaram nas novas gerações os ideais de soberania e a rechaço à opressão, em concomitância com as péssimas condições de trabalho.

Em 1953, no centenário natalício de Martí, um quadro retratava a desatenção aos serviços educacionais. Segundo dados do Ministério da Educação (CUBA, 1999, p.9):

- Apenas 56,4% das crianças frequentavam a escola primária e 28% dos jovens continuavam os estudos de ensino médio.
- A Educação Especial era virtualmente inexistente.
- Para a formação de professores, com matrículas limitadas, Ilha dispunha de 6 escolas normais oficiais e três faculdades de Educação.
- Havia mais de um milhão de analfabetos.

² Tropas compostas por escravos negros, mestiços livres e proprietários rurais.

³ Ementa que oficializou, em 1901, o direito a intervenções militares e autorizava os Estados Unidos a arrendar as terras para as suas bases navais.

O assalto ao Quartel Moncada, em Santiago, na madrugada de 26 de julho de 1953, inaugurou um novo período na Ilha e o triunfo das forças populares despertou a simpatia dos movimentos progressistas no mundo. Em seu manifesto de autodefesa, conhecido como “A história me absolverá”, Fidel afirmou:

Às escolinhas do campo assistem descalços, seminus e desnutridos, menos da metade dos meninos em idade escolar, e, muitas vezes, o professor tem que adquirir o material com seu próprio salário. É assim que se fará uma pátria grande? (ibib., p.6)

A lei que estabeleceu a primeira Reforma Integral do Ensino, promulgada ainda em 1959, adotou o pleno desenvolvimento humano, como objetivo fundamental da educação. Os muros dos centros de tortura foram derrubados e em apenas 19 dias, operários, estudantes e contingentes de toda a população, converteram o sombrio Moncada na *Ciudad Escolar 26 de Julio*, revestindo de transcendência moral a conversão de 69 quartéis em escolas para 40 mil alunos (ibib., p.7).

Em uma sociedade neocolonial, não havia como transpor a revolução para dentro do capitalismo. O novo homem, pela reapropriação da natureza humana, era o centro da sociedade, que pensava em converter-se numa grande escola. A ruptura do Estado burguês transformou a saúde, a educação e a cultura em direitos para todos os cubanos. As campanhas de alfabetização começaram na etapa de *Sierra Maestra*, quando os guerrilheiros deveriam ser, além de combatentes, os responsáveis por levar o conhecimento a lugares intrincados, da problemática local e da conjuntura no mundo, produzindo um fluxo entre as necessidades dos camponeses e as preocupações em âmbito nacional. O povo percebeu, desde o início, que os revolucionários não apenas falavam que a educação seria priorizada, mas colocavam as suas ideias em prática. O sistema educativo, como pedra angular da Revolução Cubana, a construção do “homem novo” de Che, Martí e outros tantos heróis, plasmadas na mente de sucessivas gerações, trouxeram à população de Cuba um diferencial, que a caracteriza por sentimentos de autoconfiança e orgulho nacional (BUENAVILLA RECIO, 2014).

Na primeira etapa da Revolução, os grandes movimentos alfabetizadores constituíram uma fonte motivadora por excelência do envolvimento do povo com as medidas que iriam transformar o país. No decorrer de 1959, foram implementados os conceitos de formação emergente e do professor como soldado da independência política. O modelo educacional buscou organizar medidas concretas, como o Ativismo

Pedagógico, que perpassou toda década de 60, quando as ações educativas se fundavam na ideia de “quem sabe mais, ensina quem sabe menos”.

Uma das metas mais ambiciosas do Governo Revolucionário foi a erradicação do analfabetismo em 1961, o “Ano da Educação”. A Campanha de Alfabetização teve seus antecedentes na época do colonialismo espanhol, quando o exército dos *mambises* vinculou a aprendizagem da escrita e da leitura à formação dos valores patrióticos. A relação que estabelecera Martí entre cultura e emancipação – ser culto para ser livre –, complementada com os pressupostos do movimento 26 de julho, serviu de base para a concepção do novo Sistema Nacional de Educação. Assim Alonso (1981, p.22) descreve as crianças reunidas ao redor do quadro de Martí jovem, em *Sierra Maestra*, com a chegada dos voluntários:

A classe cabe num lenço e tem piso de terra branqueada com cinzas. Na parede o retrato de um menino pensativo com uma medalha no peito. Parece olhar os pequenos tímidos e descalços, que não se atrevem a qualquer movimento, impressionados com os recém-chegados. Mas somente hoje, os meninos começaram com as letras e os números, a conhecer caramelos e brinquedos.

A campanha desencadeou-se com o chamamento de voluntários e constituiu um fator decisivo para a organização popular. Dela participaram 100 mil estudantes, 13 mil operários, 120 mil alfabetizadores populares e 34 mil professores, o que possibilitou a criação centenas de documentários, poesias, canções e análises de estudiosos interessados em compreender as razões do sucesso. Fato marcante, nas primeiras etapas, foi o assassinato do alfabetizador Conrado Benítez, em Escambray, por um grupo de contrarrevolucionários. Na cartilha “*Alfabeticemos*”, o Governo conclamava os voluntários a defender a soberania “dentro dos princípios de uma unidade incorruptível” (COMISIÓN NACIONAL DE ALFABETIZACIÓN, 1961, p.5).

Quando se alfabetiza um adulto, “a Pátria tem motivos para sentir-se orgulhosa de seus filhos”, segundo o prefácio de *Cartilla Cubana* (1959, p.1). Esta experiência configurou-se como um forte vínculo da educação à vida política, pois os alfabetizadores compartilharam tarefas comuns, como arar, e transformaram-se em guias familiares. Eles próprios compreenderam as desigualdades sociais e a necessidade de superação dos graves problemas que afetavam o país, dando um passo à frente, para enfrentar a vida e também a morte. Com apenas 16 anos, Manuel Ascunce foi torturado e morto em 26 de novembro de 1961. Os poetas sempre encontram palavras inspiradas para descrever a história:

Para mim, a alfabetização dos cubanos é um fato que tem o nível de epopeia, com a consequência inestimável de instalar, no lugar mais alto de nossa vida cívica, um problema que parecia insolúvel. Recordarei sempre o assassinato dos adolescentes que fecharam os olhos para que seus compatriotas os abrissem (GUILLÉN, 1985, p.155).

Em 22 de dezembro, deste mesmo ano, Cuba foi declarada “Território Livre do Analfabetismo”, data em que se comemora o dia nacional dos professores. Os docentes contribuíram para a consolidação do papel das organizações de massa, num cenário em que a crise estrutural, impossível de ser resolvida no regime anterior, associada à desordem econômica inerente à transição, acelerou a declaração do caráter socialista do processo revolucionário. A formação de professores transitou por diferentes etapas a partir de 1964, quando foram fundados os Institutos Superiores Pedagógicos (ISP), com o objetivo de dar resposta à necessidade crescente de docentes.

A UNIVERSALIZAÇÃO DO ENSINO

Há injustiça em pedir à aurora todo o vigor e a claridade do dia
(MARTÍ, 2011).

Com a solidificação das relações comerciais entre Cuba e a URSS, a principal opção no enfrentamento ao bloqueio imposto pelos Estados Unidos, incluíram-se nas diretrizes pedagógicas cubanas os aportes da Pedagogia Socialista. A explosão de matrícula, decorrência do processo universalização do ensino, tornou necessário o aumento acelerado do sistema educativo. Em 1969, a União de Jovens Comunistas organizou a campanha “*Yo seré maestro*”. Nessa época, surgiram os “destacamentos pedagógicos”, formados por alunos das universidades, que lecionavam para o nível médio. O governo teve que recorrer aos cursos intensivos, com incorporação imediata dos docentes à prática escolar. Os professores emergentes foram denominados de “*los makarenkos*”⁴.

A Segunda Revolução Educacional veio como resultado dos programas de massificação do acesso às escolas de todos os graus, quando se incrementaram os cursos de licenciatura nas diversas áreas. Os problemas típicos de uma rede em expansão revelaram-se no processo, o que induziu a procura de novas bases para o Sistema

⁴ A pedagogia de Makárenko tornou-se conhecida por transformar centenas de crianças e marginalizadas em cidadãos da URSS. No ano 1920, ele organizou uma colônia para menores abandonadas durante a guerra civil, “que o torvelinho das lutas havia arrastado por todos os caminhos da Rússia” (MAKÁRENKO, s/d, p. 2).

Nacional de Ensino. As decisões, com tendência à centralização, conformaram uma estrutura encarregada de transmitir no sentido vertical – até as bases – as diretrizes elaboradas por níveis superiores. Com a autonomia limitada, as instâncias intermediárias tinham pouco espaço de ação. O efeito imediato dessa estrutura concentrou-se em deficiências no protagonismo dos professores, conduzindo ao enfraquecimento da criatividade e da iniciativa própria. Como esclarece Castellanos Simons (2001, p.14):

Originada num contexto histórico concreto, no qual todos os esforços se moviam para estruturar um sistema educativo capaz de assegurar a universalização do ensino, esta situação marcou em grande medida as relações na escola, evidenciando autoritarismo e falta de participação dos atores da comunidade educativa no processo. Ao mesmo tempo influenciou falhas na profissionalização docente e o debilitamento de sua identidade.

Em 1971, concretizou-se o Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura. Além dos problemas do absentismo e da evasão, discutiram-se a formação docente, a conjugação do estudo com trabalho e a relação entre as escolas e os centros de produção. Um momento transcendental ocorreu em 1972, com a criação do Destacamento Pedagógico “Manuel Ascunce, ano em que Cuba ingressou no Conselho de Ajuda Econômica Mútua (CAME), o órgão de integração dos países do chamado campo socialista.

Nesse período, as metas relacionavam-se à cobertura dos serviços educacionais, com o predomínio das investigações de caráter positivista, o que provocou uma sobrecarga de informações numéricas e de critérios tecnocráticos. O Primeiro Congresso do Partido Comunista Cubano, realizado em 1975, tratou de implementar medidas de transição da educação tradicional a outra de cunho avançado. A reformulação das diretrizes foi encaminhada aos Ministérios da Educação, então desmembrados em Mined, responsável pela educação primária, secundária e média, e o MES, vinculado ao ensino superior. O tripé formado pelo Estado, as organizações de massa e o Partido Comunista Cubano passou a constituir a base do socialismo adotado na ilha. Milhões de operários, camponeses e donas-de-casa puderam ascender ao nono ano de escolarização. O Instituto Central de Ciências Pedagógicas (ICCP) dirigiu as reestruturações do conteúdo dos planos, dos programas de estudo e do material escolar (GARCÍA RAMIS, 2005, p. 2).

A formação de professores fortaleceu a base político-ideológica e a integração de quadros ao movimento internacionalista, que se multiplicou no chamado Terceiro

mundo. Em 1976, com a nova constituição da República, investia-se na construção de um novo homem e no reforço do papel da Educação. As instituições científicas produziam de forma colaborativa e as universidades buscavam aplicar o elevado potencial científico em distintas áreas. O trabalho das entidades de massa – Federação das Mulheres Cubanas, União dos Pioneiros e União dos Jovens Comunistas – consolidou o apoio ideológico necessário à unidade. Os Comitês de Defesa da Revolução surgiram para agrupar vizinhos na organização popular e nas tarefas em benefício da comunidade. As políticas sociais de Cuba avançavam, mas o elemento básico, que alavancou as conquistas em todos os campos, foi o trabalho voluntário. Um exemplo dessa atuação foram as microbrigadas, fomentadas pelo Estado em regime de autogestão, primordialmente usadas para construir conjuntos de moradias aliviando, assim, o problema habitacional do país.

Embora essas estruturas experimentassem lacunas, uma geração habilitada por diferentes vivências entrava em cena. A primeira revolução educacional alfabetizou e emancipou culturalmente, a segunda universalizou e implantou novas relações entre o estudo e o trabalho, mas no pequeno país, com limitadas fontes de matérias primas e de energia, submetida às regras do bloqueio, a evolução da dinâmica econômica foi escassa frente à capacidade da população jovem. Em meados de 1980, já eram visíveis os limites para engendrar os avanços, em um contexto marcado pela centralização capitalista avançada. No ano de 1985, em que se efetuou na Ilha a reunião dos países não alinhados pelo não pagamento da dívida externa, Fidel encabeçou o processo da chamada “retificação dos erros e tendências negativas”, tendo em vista movimentar recursos para grandes mudanças econômicas e ideológicas, evitando assim consequências mais graves, que trariam a “Perestroika”. Embora tenha encontrado amplas dificuldades, esse realinhamento permitiu avançar na mobilização popular, no debate dos problemas e na reafirmação do rumo socialista. O primeiro Congresso Internacional de Pedagogia, celebrado em Havana, no ano de 1986, converteu-se em importante laboratório de discussão do ensino na América Latina e no mundo⁵ Em que pese as circunstâncias, o nível da educação popular em três décadas, havia atingido conquistas inéditas na América Latina.

⁵ Em Habana, até o ano 2017, foram celebrados 15 congressos *Pedagogía*.

A BATALHA DE IDEIAS

Trincheiras de ideias valem mais do que de trincheiras de pedras
(MARTÍ, 2011).

Sob o impulso desencadeado no âmbito de reuniões internacionais, como a Conferência Mundial sobre a Educação para Todos, realizada em Jomtien, em 1990, abriram-se espaços às renovações em Cuba. Os eixos dinamizadores das políticas educativas eram a descentralização dos sistemas, a transformação dos estilos de gestão, o fortalecimento da autonomia, a introdução das novas tecnologias de comunicação e o aperfeiçoamento da profissionalização docente. Entretanto, carregado por dificuldades em todas as esferas, não somente econômicas, o advento do chamado Período Especial⁶, dificultou a concretização de inúmeros planos (CUBA, 2017, p.8).

Com o agravamento das condições econômicas, muitos professores migraram a setores melhor remunerados, ligados ao turismo, como a venda de artesanato, o trabalho em restaurantes privados e o aluguel de cômodos nas próprias casas. Apesar das inúmeras dificuldades, agravadas pelo bloqueio, foram salvaguardadas importantes conquistas: nenhuma escola foi fechada e nenhum centro de saúde ou hospital foi encerrado. Em 1996, como resultado das contradições surgidas no projeto educacional, a atividade científica em Cuba apresentava deficiências relacionadas à falta de gestão integrada. As instituições elaboravam planos independentes, ocasionando a dispersão do potencial científico no país. Em muitos casos, não se investigava o prioritário, predominando o enfoque unidisciplinar. De acordo com Castellanos Simons (2001), os aspectos negativos vigentes eram:

- A consciência igualitarista, originada ao longo do processo revolucionário, havia fomentado a ideia de bem-estar material, desconectada das possibilidades reais do país e da contribuição laboral de cada cidadão, o que resultou no debilitamento do trabalho como dever social concreto.
- A fragmentação das instituições socializadoras, em especial a escola e a família, que não atuavam de forma coordenada, fortalecendo as influências negativas de grupos coetâneos e os comportamentos indesejados, tais como as atitudes consumistas.

⁶ Etapa iniciada pelo desmoronamento do antigo campo socialista e pela extinção da URSS, países com os quais o Cuba mantinha relações comerciais, que alcançavam um percentual significativo de aproximadamente 85%, tanto na importação como na exportação.

- A tecnocratização, ou seja, a educação dirigida às informações de caráter prático, em detrimento da formação humanista, o que enfraqueceu a flexibilização para os ajustes à realidade em constantes mutações.
- O excesso de tutela na educação, de forma a reduzir a participação ativa dos jovens nas tarefas sociais e a capacitação na área profissional.

A partir de 1996, o Mined, junto ao programa de Informatização, criou centros de softwares educativos em todos os ISP e bancos de programas na área. Os estudos elaborados pelo ICCP reconheceram que os impactos das transformações sociais, suscitavam a reavaliação do papel da escola e a implementação de programas inseridos em uma revolução técnico-científica, assim como em ações para minimizar o impacto nocivo da globalização neoliberal. Para García Ramis (2005), isso se concretizaria na formação de um cidadão consciente dos complexos problemas que afetavam a própria sobrevivência humana, no fortalecimento de sólida identidade nacional e na defesa do pensamento marxista-leninista.

O Programa *Batalla de Ideas*⁷ incluiu estratégias para minimizar as desigualdades geradas em consequência do período de crise e ações voltadas aos setores mais vulneráveis da população. O que se buscava era uma sociedade sem desempregados e sem presos, garantindo não apenas a igualdade de oportunidades, mas também de possibilidades.

A busca de avanços despertou uma intensa mobilização popular para recuperar as condições físicas dos prédios escolares. Em dezembro de 2001, na cidade de Havana teve início um esforço coletivo para restaurar totalmente 734 escolas primárias e secundárias, reconstruir 12 e construir 33 novas. Cerca de 22 mil construtores profissionais, a maioria operários microbrigadistas, apoiados por milhares de voluntários de todas as profissões, estudantes e pessoas da terceira idade, foram os autores da proeza de haver concluído parte significativa da obra em 13 de agosto de 2002, data em que a Escola Formadora de Professores “Salvador Allende” recebeu 4500 alunos, oriundos de todas as províncias. Buscava-se a concepção de um docente, em caráter emergencial, envolvido com o domínio de meios didáticos avançados e de

⁷ Movimento massificador da cultura integral, desencadeado em dezembro de 1999, durante a mobilização popular para resgatar de Elián González, retirado de Cuba, sem o conhecimento do pai. Com apenas 6 anos, foi salvo de naufrágio, onde pereceram sua mãe e oito pessoas de uma embarcação que tentava o ingresso ilegal aos Estados Unidos.

práticas diferenciadas para cada classe e para cada aluno, consolidando o papel de um novo educador.

Após a realização de estudos conjuntos em todos os ISP, tomou-se a decisão de proceder à formação massiva, trabalhando com jovens egressos do ensino médio, que em um ano receberiam a preparação para incorporar-se de maneira direta às práticas docentes, responsáveis por grupos de quinze alunos e, com mais quatro anos de formação, obteriam o título de Licenciados em Educação – na especialidade Professor Generalista Integral, para lecionar até o 9º ano, nas escolas primárias e secundárias básicas. A transformação do professor emergente em licenciado, estava amparada na figura do tutor, crítico construtivo, responsável pela orientação do estudante na dimensão teórico-prática dos componentes da formação docente. De acordo com Castro Ruz (2002, p.2), na “Allende” o claustro estava composto por 412 professores, dos quais 44 eram doutores e 92 mestres. Dos alunos, 3242 provinham de escolas no campo, 458 de pré-universitários pedagógicos, 456 de escolas urbanas, 252 de escolas vocacionais e 134 do ensino profissional. Desse total, 2440 eram filhos de operários, 1252 de profissionais graduados, 695 de camponeses e 155 de militares. Um número elevado deles, 57% do total, era membro da União de Jovens Comunistas. O primeiro ano de curso com 2234 horas de formação geral, preparação metodológica e prática docente, além de 72 h, de Educação Física, dispunha de 145 classes para trinta alunos, equipadas com computador, TV e vídeo; contava com residência estudantil, 5 bibliotecas, 10 laboratórios de computação com 15 computadores, 6 laboratórios de ciências naturais, 2 oficinas de educação laboral, 2 canais locais de televisão, teatro, ginásio e centro de informação pedagógica.

Em 9 de maio de 2002, ocorreu a inauguração de um canal educativo, em caráter experimental, com transmissões para Havana e Santiago de Cuba. Tendo em conta os resultados obtidos nessa fase, estabeleceu-se uma programação oficial para os cursos iniciados em agosto daquele ano. Levantamentos exploratórios realizados pelo ICCP, de acordo com García Ramis (2005), caracterizaram-se pelo monitoramento em centros escolares da programação televisiva, buscando compreender novas formas de aprendizagem. O objetivo central foi avaliar os níveis de compreensão do material pedagógico nas diferentes disciplinas, fundamentalmente das priorizadas: Espanhol, Matemática e História. A direção da TV Educativa, no período de 2003-2004, implementou um conjunto de atividades por televisão, com enfoque interdisciplinar,

ainda que o protagonismo de toda estratégia educativa, de acordo com o projeto, permanecesse nas mãos dos professores.

A etapa de reanimação da economia permitiu ao Estado priorizar a cultura integral à toda a população. Inserida no *Batalla de Ideas*, a universalização da Educação Superior, como parte de um processo, envolveu vários subsistemas, dentre eles a Formação e o Aperfeiçoamento do Pessoal Pedagógico, com base nas experiências de formação emergente. Em todos os bairros, diversos hospitais, escolas e fábricas foram convertidos em sedes universitárias, concebidas como microuniversidades. O conceito de universalização não foi concebido exclusivamente para formação de professores, uma vez que nas sedes colocava-se o universitário de todas as carreiras em contato com a realidade de sua profissionalização. Segundo Alarcón de Quesada (2006, p.1), “sob uma concepção humanista, que a ninguém exclui, 22 das 3150 sedes foram instaladas em prisões convertidas em escolas”.

No curso de 2009-2010, o Ministério da Educação empreendeu um profundo plano de transformações com o objetivo de continuar elevando a qualidade da educação e assim garantir que as futuras gerações estejam preparadas para enfrentar os problemas gerados pelo próprio desenvolvimento. Com esse intuito foram priorizados o trabalho político-ideológico e a educação em valores, em todo o Sistema de Ensino, sustentados em maior conhecimento da História cubana e universal. O novo modelo incluía 21 carreiras docentes, com 5 anos de duração, para todos os níveis, sendo 2 ou 3 anos de caráter presencial nas Universidades de Ciências Pedagógicas, em uma etapa de formação intensiva, propiciando a elevação da cultura geral do futuro docente e a preparação para o trabalho nas escolas. Concluída essa fase, o estudante se incorporaria a um centro escolar, próximo ao seu domicílio, para a sua formação profissional, sob a atenção direta de um tutor, com frequência aos ISP, uma ou duas vezes por semana.

A sociedade cubana é uma grande escola. Pelo caráter democrático e popular da educação, o povo participa de sua realização e seu controle. A ação de todas as organizações constitui a condição básica da estratégia para elevar a qualidade do processo educativo (CUBA, 2017, p.10).

Na presente década, no campo de colaboração internacionalista, com a presença aproximada de 800 docentes cubanos, aperfeiçoaram-se os programas "*Yo, sí puedo*" e "*Yo, sí puedo seguir*", como apoio para eliminação do analfabetismo em diversos países. Adotados em maior escala na Venezuela e Bolívia, aparecem

experimentalmente em municípios de Brasil, Argentina, Colômbia, Equador, El Salvador, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Peru e República Dominicana (ibib.,p.9)

A partir de 2011, como parte do processo de atualização socioeconômica na Ilha, vem aparecendo - de forma paulatina - disposições oficiais e jurídicas encaminhadas pelo governo a fim de ampliar o “trabalho por conta própria”, como é conhecido em Cuba o setor privado da economia. Foram postas em andamento diversas práticas não subordinadas à administração do estado, denominadas de *cuestapropismo*. Medidas reconhecidamente válidas por todas as organizações de massa e necessárias ao desenvolvimento sustentável, essa gestão introduziu em Cuba mais de 200 ofícios, exercidos de forma individual ou em cooperativas, tais como pedreiro, eletricista, pintor, manicure, barbeiro, costureira, marceneiro, borracheiro, relojoeiro, tapeceiro e sapateiro. Não obstante, a maioria da juventude cubana se encontra vinculada ao setor estatal. Isso está relacionado ao fato de que o Estado cubano continua priorizando a inclusão de jovens em seus órgãos e entidades.

CONCLUSÃO

No entendimento deste estudo, por mais que as instituições escolares tenham sido afetadas em sua estrutura, elas ainda se apresentam como o principal alicerce do processo revolucionário cubano, que tem na Educação a grande igualadora social no país. A trajetória de uma cultura de resistência, consolidada nos combates da segunda metade do século XIX, nas quais pereceram cerca de quatrocentos mil cubanos, um terço da população da Ilha, ainda apresenta nítidos reflexos no cotidiano escolar.

A ambiguidade presente na maioria das reformas em curso no mundo pode ser sintetizada pela tensão entre o barato e o melhor, na qual a lógica do mercado, em muitos casos, é a única levada em consideração. Nenhum país possibilita uma escola, verdadeiramente popular, sem a opção clara pela garantia dos investimentos, que permitam a sua oferta pública. As soluções fáceis no momento de desenhar as mudanças, não se enquadram no sistema educativo cubano. Os relatórios internacionais, inclusive o *Informe de Seguimiento de la Educación en el Mundo*, atestam a educação de qualidade, inclusiva e permanente para todos (UNESCO, 2016).

A campanha de alfabetização, na década de 60, significou, mais que uma estratégia educacional, uma experiência profunda para transformar o triunfo do

movimento 26 de julho em vitória política, consolidadora do projeto societário, no qual a elevação cultural caminhou junto às lutas contra a dominação estrangeira. Analisando, em dimensão abrangente, pode-se dizer que o objetivo maior foi conseguido: tirar a população da inércia habitual e mobilizá-la coletivamente, transformando antigos traços culturais de acomodamento em relação à ação paternalista das autoridades. Entretanto, a prática vem demonstrando que apenas com lições não se forjaria uma nova consciência, diante da necessidade de os jovens participarem do esforço coletivo. O fato dos meios de produção serem considerados patrimônios do povo não se transforma em um sentimento coletivista, se os trabalhadores e os estudantes não se relacionarem com tais meios, como produtores e administradores. Por certo, em sua essência, esta investigação aponta que a formação do professor como militante político tem requerido, além dos saberes docentes, o preparo na qualidade de transmissor dos princípios basilares da Revolução. Há uma consciência clara, por parte dos quadros diretivos da educação cubana, de que as convicções ideológicas não podem ser simplesmente ensinadas, mas devem ser adquiridas pelos sujeitos mediante a interiorização de experiências significativas. Meras ações repetitivas não devem ser encaradas como expressão de convicções no campo das ideologias, se essas não estiverem associadas ao enraizamento de atitudes conscientes.

Muitos dos problemas atuais não ocorrerem somente pela oposição ao trabalho, porque, como valor, ele é aceito pela sociedade cubana, mas a questão se encontra na assimilação concreta da ideia, que nem todos possuem, muito menos quando as convicções necessitam ser transformadas em conduta efetiva. A passividade imposta aos jovens em seu processo de socialização e a influência de padrões externos, sobretudo da comunidade cubana residente nos Estados Unidos, conformaram um modelo de bem-estar, embasado no consumo e com tendências à mentalidade de consumidor acima da consciência de produtor, problemas que dificultam a consolidação do ensino na esfera dos valores, especialmente na faixa etária mais vulnerável, que é a adolescência. A escola apresenta lacunas na formação adequada de indivíduos motivados à prática laboral. Esse fenômeno alcançou em particular, a geração mais jovem, sem memória existencial do passado, habituada a receber os serviços propiciados pelos organismos estatais, com pouco esforço pessoal. Paradoxalmente, muitas conquistas advindas da Revolução, como a garantia de pleno emprego, os serviços médico-hospitalares e

educacionais gratuitos, o irrisório preço das tarifas de transporte, podem ser considerados fatores responsáveis pela relativa acomodação e pela indisciplina laboral.

Em meio às tentativas de evitar que a corrupção comprometa o sistema produtivo em expansão, as reformas educativas em Cuba tendem a caminhar em conjunto com os planos atuais, que não são exclusivamente econômicos, mas envolvem as esferas políticas e ideológicas. Quando se pensa nos valores fundantes da nacionalidade cubana, surge uma tendência que constantemente obriga as instituições a colocarem de lado alguns esquemas e reorganizar prioridades. Considerando os sinais de deterioração dos princípios identificados com a ética da Revolução, verificam-se múltiplos impasses. Pintada de luzes e de sombras, como é natural, adoção do trabalho por conta própria, vem comprovando ser um recurso válido e irreversível, por constituir um campo emergente na economia em Cuba. Resta saber, se o desequilíbrio de salários entre os setores estatal e não estatal, irá comprometer ou provocar uma evasão de quadros necessários ao bom desempenho das escolas.

Contudo, a história aponta que a educação popular vem traçando pautas ao longo das últimas décadas em Cuba, para consolidar um corpo de resistência, no qual os coletivos das escolas, contornando a perspectiva de soluções pessoais, são orientados a um trabalho na defesa dos princípios do socialismo. A intencionalidade declarada nas práticas e nos discursos é conseguir um alto nível de ideologização do ensino, negando o aspecto usual à maioria dos sistemas educativos em outros países, marcados pela descaracterização do cunho ideológico, sob uma suposta dimensão técnica que, no senso comum, tende a ser apreendida como neutra. A educação cubana tem-se encarregado de reforçar o significado do genuíno, em contraposição ao colonialismo e ao neocolonialismo. O adentrar às escolas em Cuba deixa transparecer muitos esforços contra os equívocos, como a cristalização de princípios que impossibilitem a interpretação da realidade presente, que ignorem ou desprezem as novas experiências.

Em que pese todas as prognósticos e as ameaças, como afirma Rodríguez Rivera (2005), quanto mais se acerca de uma influência devastadora, mais o povo cubano resiste em deixar-se dominar por ela. Cada acontecimento traz à luz uma reação contra a pretensa universalidade que vem de fora, de um mundo antes jugulado por Portugal-Espanha, depois pelos Estados Unidos ou, mais recentemente, pelas regras da globalização, reiterando a defesa das raízes autóctones na Ilha. Sem pretender qualquer exaustividade em questões tão enredadas, na compreensão desta pesquisa, a educação cubana descortina o que as receitas neoliberais pretenderam esconder. A esta altura do processo

revolucionário, há evidências de que se criou um caldo de práticas acumuladas ao longo de cinquenta anos na formação de professores, capaz de trabalhar os problemas aqui apontados de forma abrangente e com a urgência requerida pela complexidade do processo histórico cubano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Elisa Afonso. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2004.

ALARCÓN DE QUESADA, Ricardo. La Universalización de la universidad por un mundo mejor. **ENCUENTRO INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN SUPERIOR**. Habana, 2006.

ALONSO, Dora. **El Año 1961**. La Habana: Letras Cubanas, 1981.

BUENAVILLA RECIO, Rolando. **Historia da pedagogía en Cuba**. Habana: Pueblo y Educación, 2014.

CANFUX GUTIÉRREZ, Jaime et al. **La alfabetización: historia y autenticidad en Cuba**. Habana: Pueblo y Educación, 2006.

CARTILLA CUBANA. **Leer vivir servir: Campaña Nacional de Alfabetizadores**, Concilio Cubano de Iglesias Evangélicas. Habana: Salud, 1959.

CASTELLANOS SIMONS, Doris et al. **Aprender en la escuela**. Habana: Instituto Superior Pedagógico “Enrique José Varona”: 2001.

CASTRO RUZ, Fidel. Discurso pronunciado. In: ACTO DE INAUGURACIÓN DEL CURSO DE FORMACIÓN EMERGENTE DE PROFESORES, 9 sept. 2002. **Granma**, Habana, 2002.

COMISIÓN NACIONAL DE ALFABETIZACIÓN. Ministerio de Educación. **Manual para el alfabetizador**. Habana: Imprenta Nacional de Cuba, 1961.

CUBA (República de). La Educación en Cuba. In: PEDAGOGÍA 99: **Encuentro por la unidad de los educadores**. Habana, 1999.

_____. Conferencia Inaugural. In: PEDAGOGÍA 2017. **Encuentro por la unidad de los educadores**. Habana, 2017.

GARCÍA RAMIS, Lizardo. El Modelo de secundaria básica en Cuba. In: PEDAGOGÍA 2005. **Encuentro por la unidad de los educadores**. Habana: 2005.

GÓES, Moacyr de. **O Golpe na educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUILLÉN, Nicolas. **Páginas cubanas**: autobiografía de um poeta na revolução. São Paulo: Brasiliense, 1985

MAKÁRENKO, Antón. **Poema pedagógico**. Moscú: Progreso, s/d.

MARTÍ, José. **Obras Completas, Edición Crítica**. Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011

RODRÍGUEZ RIVERA, Guillermo. **Por el camino del mar**. Habana: Boloña, 2005.

UNESCO. **La educación al servicio de los pueblos y el planeta**: informe de seguimiento da la EPT en el mundo. Paris: Organización de las Naciones Unidas, 2016.